warja lavater

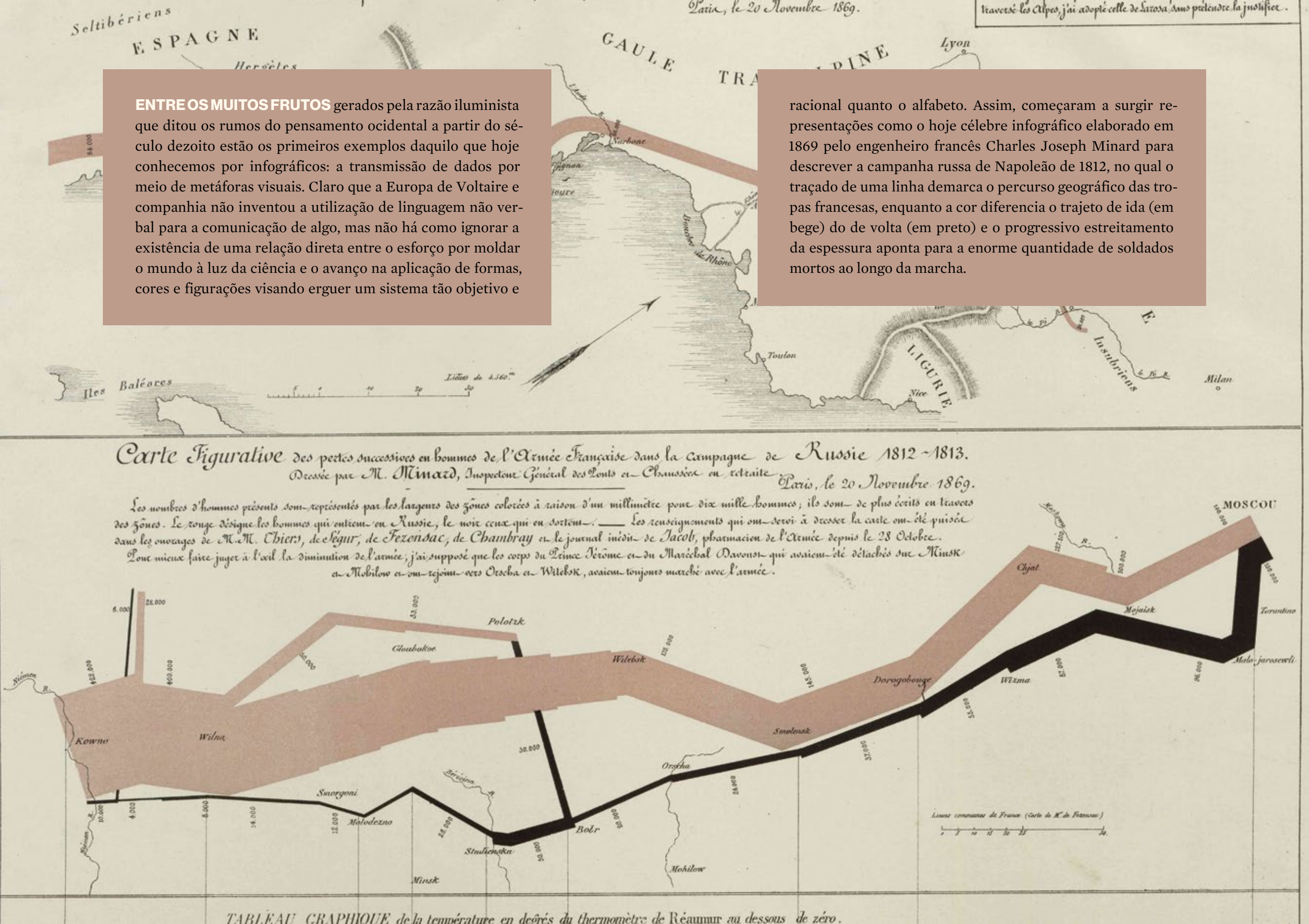
desenho como escrita como desenho

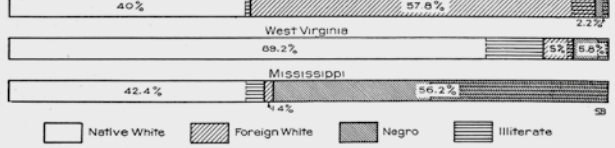
um livro de
gustavo piqueira

coleção gráfica particular

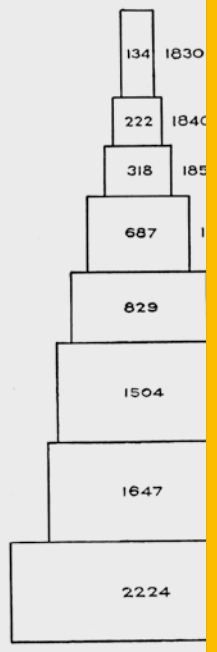
LOTE 42 & CASA REX

ENTRE OS MUITOS FRUTOS gerados pela razão iluminista que ditou os rumos do pensamento ocidental a partir do século dezoito estão os primeiros exemplos daquilo que hoje conhecemos por infográficos: a transmissão de dados por meio de metáforas visuais. Claro que a Europa de Voltaire e companhia não inventou a utilização de linguagem não verbal para a comunicação de algo, mas não há como ignorar a existência de uma relação direta entre o esforço por moldar o mundo à luz da ciência e o avanço na aplicação de formas, cores e figurações visando erguer um sistema tão objetivo e racional quanto o alfabeto. Assim, começaram a surgir representações como o hoje célebre infográfico elaborado em 1869 pelo engenheiro francês Charles Joseph Minard para descrever a campanha russa de Napoleão de 1812, no qual o traçado de uma linha demarca o percurso geográfico das tropas francesas, enquanto a cor diferencia o trajeto de ida (em bege) do de volta (em preto) e o progressivo estreitamento da espessura aponta para a enorme quantidade de soldados mortos ao longo da marcha.

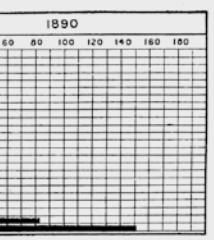




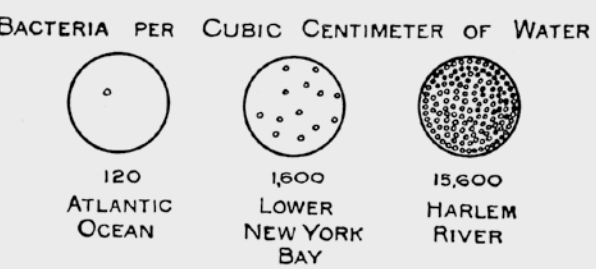
Atualmente, recursos como variar a espessura de uma linha para indicar alterações de quantidade nos parecem lógicos, quase naturais. Mas não são. São transposições deliberadas, e sua aparente neutralidade — um dos pilares do argumento de que a infografia se limita a facilitar e a tornar mais atraente a compreensão de dados — é ilusória: ao representar visualmente a impressionante progressão do número de baixas, Minard adiciona à derrota de Napoleão uma carga dramática que não estaria lá se a mesmíssima informação viesse disposta numa tabela numérica. Logo, há uma modulação narrativa que ultrapassa as tarefas funcionais de comunicação, da qual os exemplos mais óbvios talvez sejam aqueles pertencentes a outra modalidade de infográfico, as linhas do tempo, insuperáveis em sua capacidade de reduzir processos complexos e multifacetados ao esquematismo de um jogo de tabuleiro.

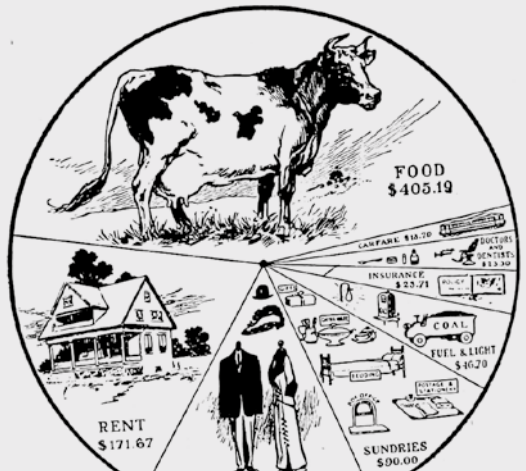


O uso de infográficos tomou grande impulso durante o século dezenove, com o avanço da urbanização somado às inovações tecnológicas que possibilitaram um aumento exponencial na capacidade de impressão das gráficas. Tal combinação fez com que a mira dos editores se voltasse para o incipiente mercado de consumo encontrado nas camadas populares, capaz de absorver as tiragens cada vez maiores que saíam das recém-inventadas prensas rotativas, apesar das taxas de analfabetização ainda significativas. Quase como uma decorrência direta disso, a constituição mais abstrata dos primeiros infográficos ganhou a companhia de metáforas figurativas mais diretas, mais "fáceis". Aquilo que hoje conhecemos por pictogramas.



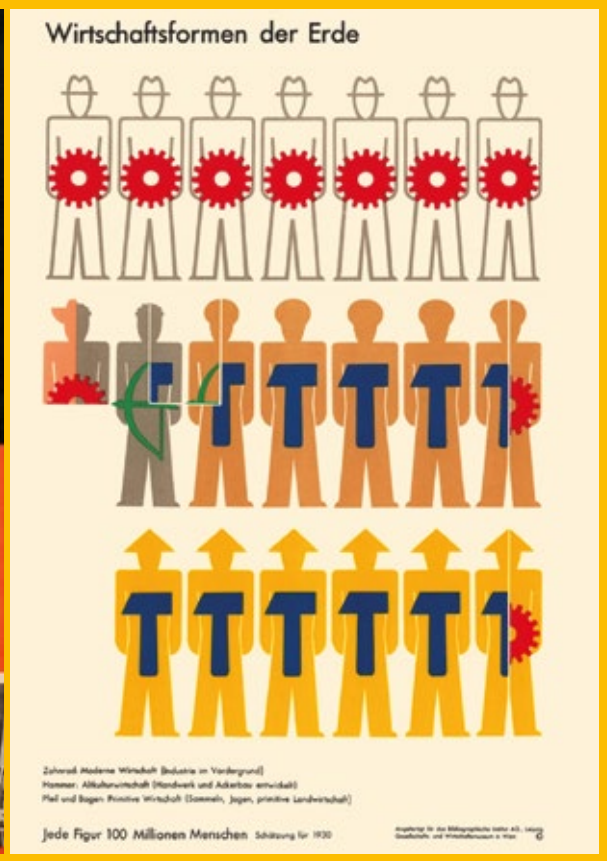
Imagens do livro *Graphic Methods for Presenting Facts*, 1914.





Essa difusão se intensificaria com a chegada do século vinte e seria abraçada tanto pelos vorazes apetites editoriais e publicitários quanto pelas vanguardas que tinham no racionalismo um norte para a criação de uma nova linguagem que refletisse — e desenhasse — uma nova sociedade. Assim, é possível encontrar o recurso da infografia em periódicos e anúncios dos mais variados, mas também em cartazes assinados pelo multiartista russo Alexandr Rodchenko ou formando a base da tentativa de língua franca criada pelo austríaco Otto Neurath, a Isotype, ambos na década de 1920.

Alexandr Rodchenko. Cartaz *A Morte de Lênin*, 1926.



Otto Neurath. *Atividades Econômicas do Mundo*, 1930.

Mas se a crença na concretização dessas quimeras tal como foram sonhadas logo se perdeu pelo caminho, a familiaridade com a qual observamos esses exemplos segue presente. Hoje, é difícil atravessarmos um dia sem a leitura de ao menos um infográfico, já que o recurso se ajusta com perfeição a estes tempos tão *data-oriented*, assim como aos dispositivos digitais nos quais grudamos nossos olhos por horas, além de poderem ser produzidos com enorme facilidade por meio dos softwares gráficos surgidos a partir dos anos 1990.

No entanto, por mais eficientes, atrativos e objetivos que sejam os infográficos, de Minard até hoje quase nenhum deles pôde prescindir de uma chave verbal para sua correta compreensão — de sua legenda. Pois, apesar de a veiculação reiterada ter tornado alguns significados quase automaticamente decodificáveis (algo indo para cima carrega uma conotação de crescimento, por exemplo), a ausência de textos explicativos sobre o que significam determinadas cores, formas e linhas tornaria qualquer conteúdo informativo incompreensível, aproximando a percepção de um conjunto de infográficos à de um grande mosaico de arte abstrata.